

### Resumo

Edward Said foi um dos pensadores mais importantes do século XX, com contribuições fundamentais em diversas áreas das Ciências Humanas. Seus estudos acerca das relações entre conhecimento e poder, cultura e imperialismo, e sobre o papel do intelectual marcaram época e são referência indispensável para estudiosos de várias disciplinas. No Brasil, porém, a Ciência Política no geral e as Relações Internacionais em particular ainda desconhecem a obra de Said. Nesse sentido, o objetivo da exposição é apresentar uma faceta específica da obra do autor: por meio da análise de determinadas passagens do livro mais conhecido de Said, *Orientalismo*, pretende-se esboçar algumas hipóteses que possam ser úteis aos estudiosos de Relações Internacionais no Brasil, sobretudo àqueles dedicados ao estudo das Teorias de Relações Internacionais. Em nosso texto, pretendemos destacar: (i) a responsabilidade do intelectual e, associada à ela, a relação íntima entre conhecimento e poder e (ii) a importância da cultura para as relações internacionais e para a compreensão de processos históricos que são recorrentemente analisados sob o prisma exclusivo da política ou da economia.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no XI Seminário Discente do Departamento de Ciência Política da Universidade de São Paulo.

<sup>2</sup> Graduado em Relações Internacionais e mestre em Ciência Política pela Universidade de São Paulo, atualmente curso o doutorado na mesma instituição.

## Introdução: visão geral e contexto histórico<sup>3</sup>

Edward Said nasceu em Jerusalém, em 1935, quando a região ainda encontrava-se sob mandato britânico. Durante a maior parte de sua infância e juventude, ele viveu com sua família no Cairo, Egito, passando os anos de 1942 e 1947 em Jerusalém e, a partir de 1943, as férias de verão no Líbano. Cristãos protestantes, os Said eram minoria dentro da população árabe palestina em geral, de maioria muçulmana sunita, e da comunidade árabe cristã em particular, de maioria ortodoxa. Em 1948, com a criação do Estado de Israel e a subsequente expulsão dos palestinos, sua família deixou definitivamente seu país natal e dirigiu-se para o exílio, em vários locais do mundo árabe.

Este período inicial de sua vida foi marcado sobretudo pela experiência do deslocamento – e a conseqüente sensação de não pertencimento – e pela vida familiar caracterizada pela rigidez paterna e a superproteção materna. O sucesso comercial de seu pai tornou-os membros de uma minúscula alta burguesia árabe internacionalizada e ligada ao capital europeu e estadunidense. Esta condição financeira privilegiada e os vínculos com o estrangeiro aproximaram a família, em termos culturais e afetivos, dos mundos europeu e estadunidense, aos quais ela encontrava-se mais ligada do que ao cotidiano egípcio que a circundava. Além disso, a riqueza de sua família será decisiva na maneira de viver, agir, pensar e sentir de seus membros e, por extensão, do próprio Said, o qual assevera, em diversas passagens de sua autobiografia, que o pai foi peça essencial para financiar seus estudos e sua vida até que ele pudesse sustentar-se sozinho, já como professor em Columbia.

Sua educação foi euroamericana do começo ao fim: do primário ao secundário, em escolas inglesas e estadunidenses do Oriente Médio, passando pelo colégio preparatório nos Estados Unidos, para onde Said parte em 1952, pela graduação em Princeton (1957) e chegando, enfim, ao doutorado em literatura inglesa em Harvard (1963). Tentando se distanciar do método formalista-positivista de estudo da literatura ensinado em Harvard, Said aprofundou os estudos na tradição filológica alemã da literatura comparada e na fenomenologia. Sob a influência desta, Said escreveu sua tese de doutorado (SAID, 1966a) e suas primeiras incursões em filosofia (SAID, 1967a).

---

<sup>3</sup> As informações biográficas do autor foram retiradas de sua autobiografia. Cf. SAID, 2004 [1999].

Além disso, Said travou contato com a obra de Lukács, primeiro pela intermediação do sociólogo romeno Lucien Goldman (SAID, 1966b), depois em contato direto com a tradução francesa da obra-prima de juventude do autor húngaro, *História e Consciência de Classe*, de 1960<sup>4</sup>. O intelectual palestino fez incursões pelo debate da moda no pensamento francês entre o existencialismo sartriano e o estruturalismo levistraussiano, defendendo, ao menos em sua juventude, a superioridade deste sobre aquele (SAID, 1967b). Após 1968, quando ocorre o desembarque definitivo da Ideologia Francesa<sup>5</sup> em solo americano, e até pelo menos 1978, ano de publicação de *Orientalismo*, a influência predominante na obra saidiana será Michel Foucault, a qual contará com temperos marxistas, sobretudo de Antonio Gramsci e de Raymond Williams.

O biênio 1967-1968 foi decisivo na formação política do autor. A experiência humilhante da derrota árabe na Guerra de Junho de 1967 e suas repercussões nos Estados Unidos aprofundaram, por um lado, a sensação de deslocamento de Said, mas, por outro, intensificaram seu autorreconhecimento enquanto árabe-palestino, o que será decisivo para a redação de *Orientalismo* no decorrer dos anos 1970. Como lembrou Musallam (1979), não foi um árabe qualquer que escreveu o livro, mas um árabe com uma formação e experiência particulares, às quais fazemos menção não por preciosismo, mas para melhor compreensão da obra e do autor.

Além disso, a insurreição mundial de 1968 desempenhou um papel significativo na politização do palestino. A sociedade estadunidense encontrava-se, naquele momento, às voltas com o auge do movimento pelos direitos civis e de crítica à Guerra do Vietnã. Em Columbia, onde Said ensinava desde 1966, estudantes e professores organizaram-se para protestar contra a guerra e manifestar sua solidariedade às lutas por descolonização – e Said fez parte desse processo ativamente (VEESER, 2010, p. 3). No bojo deste quadro político-intelectual contestatório, Said iniciou as pesquisas para a redação de sua obra mais conhecida, celebrada e criticada, *Orientalismo*, a qual teve “o mérito”, nas palavras do próprio autor, “de se alistar abertamente na luta [...] contra os grilhões imperialistas sobre o pensamento e as relações humanas” (SAID, 2007a [1994], p. 467).

---

<sup>4</sup> A obra original foi publicada em 1923.

<sup>55</sup> O termo original é de Castoriadis (1987), mas aqui o usamos conforme a sugestão de Paulo Arantes em “Tentativa de identificação da Ideologia Francesa: uma introdução” (2021 [1990]).

A exposição do contexto histórico no qual *Orientalismo* foi escrito é essencial para compreender um aspecto chave da obra, a saber, a relação entre conhecimento e dominação e, associada a ela, a responsabilidade do intelectual crítico de denunciar esses vínculos e de produzir um conhecimento capaz de contribuir com a emancipação dos povos, o fim das opressões e da exploração, a liberdade, a autodeterminação, dentre outros valores éticos que norteiam o pensamento de Said.

Uma das contribuições mais importantes do autor para a Ciência Política/Relações Internacionais<sup>6</sup> é, portanto, descrever em detalhes e com abundância de exemplos como o conhecimento erudito, que se apresenta como neutro e apolítico – a chamada tradição Orientalista –, pode associar-se diretamente com o poder e servir à dominação – de potências imperiais sobre suas zonas de influência, impérios, colônias etc. A exposição dos vínculos entre o orientalismo e o imperialismo explicita “a dependência de disciplinas culturais aparentemente apolíticas e distanciadas para com (*upon*) uma história bastante sórdida de ideologia imperialista e prática colonialista” (SAID, 1995 [1993], p. 76). Desse modo, o pensador revela os vínculos entre conhecimento e dominação no âmbito da Ciência Política/Relações Internacionais, um nexos que nossa disciplina insiste em escamotear.

Para analisar a questão, a dividimos em partes. Em primeiro lugar, analisaremos, de um ponto de vista teórico, a importância que a compreensão do nexos entre conhecimento e poder tem, por um lado, para a obra do autor e, por outro, para o campo de conhecimento por ele estudado, bem como para nossa disciplina. Em segundo lugar, investigaremos o tratamento que o autor dá para a cultural e como esta figura de forma decisiva na conformação da estrutura de dominação imperial europeia e estadunidense. Por fim, trataremos das reivindicações de neutralidade e imparcialidade, além da importância de se reconhecer a impossibilidade de se fazer um conhecimento neutro. Em associação com este aspecto, abordaremos o papel do intelectual crítico para Said. Esboçaremos, ainda, uma conclusão, com o intuito de brevemente retomar alguns aspectos principais e encerrar o argumento.

---

<sup>6</sup> Utilizamos “Ciência Política/Relações Internacionais” para designar ambas as disciplinas e enfatizar os pontos de intersecção entre elas.

## Conhecimento e poder

*Orientalismo* (1978)<sup>7</sup> é considerado por muitos um marco das ciências humanas na segunda metade do século passado. A grande repercussão que obteve, as dezenas de traduções, os inumeráveis comentários de texto, as coletâneas que a ele se seguiram, as respostas, as críticas, os elogios, os debates, enfim, toda a comoção intelectual gerada pela obra tornou-a de difícil caracterização. Argumenta-se, aqui, que o aspecto central para compreender o estudo de Said e a contribuição mais importante que ele traz para nossa disciplina é a análise minuciosa do vínculo entre conhecimento e poder na tradição conhecida como *Orientalismo*<sup>8</sup>.

A importância desta dimensão desponta já na definição do termo. Como Said afirma em diversas passagens da obra, por “*Orientalismo*” ele designa várias coisas diferentes<sup>9</sup>, mas, em especial, o conhecimento acadêmico produzido sobre o Oriente. No caso, esta tradição acadêmica é responsável por elaborar um “estilo de pensamento baseado numa distinção ontológica e epistemológica feita entre o ‘Oriente’ e [...] o ‘Ocidente’” (SAID, 2007a [1978], p. 28), a qual orientou a atuação prática e a produção teórica e imaginativa de diversos escritores, poetas, romancistas, filósofos, teóricos políticos, economistas e administradores imperiais, que produziram teorias, “epopeias, romances, descrições sociais e relatos políticos a respeito do Oriente, seus povos, costumes, ‘mentalidade’, destino e assim por diante” (SAID, 2007a [1978], p. 28-29).

O processo descrito por Said no livro é, justamente, o da formação desta estrutura de dominação cultural, que produz o “Outro”, a fim de facilitar sua subjugação, mas que se apresenta como um conhecimento erudito, neutro, distanciado das disputas mesquinhas do dia a dia da política. Trata-se, porém, de um sistema de elaboração de ideias de superioridade racial, as quais servem de legitimação para a dominação do Leste sobre o Oeste. Assim, Said coloca em evidência o aspecto erudito-

---

<sup>7</sup> Utilizaremos *Orientalismo*, em itálico, para referir-nos ao livro e *Orientalismo*, sem formatação, para abordar o campo de estudos.

<sup>8</sup> Como Said afirma no livro, “quem ensina, escreve ou pesquisa sobre o Oriente – seja um antropólogo, um sociólogo, um historiador ou um filólogo – nos seus aspectos específicos ou gerais é um orientalista, e o que ele ou ela faz é *Orientalismo*” (SAID, 2007a [1978], p. 28). Ou seja, a contribuição saidiana é importante para nós tanto no nível específico de que existem inúmeros acadêmicos e pesquisadores brasileiros que se dedicam a estudar o Oriente, quanto em um nível mais geral, ao qual nos dedicamos em detalhes neste texto, das relações entre saber e poder.

<sup>9</sup> Para um exame crítico acerca desta suposta imprecisão conceitual, conferir Kennedy (2000). De nossa parte, consideramos que o sentido geral da obra aponta para o *Orientalismo* moderno como fundamentalmente diferente dos anteriores e caracterizado pelos vínculos entre literatura, erudição e política, isto é, entre cultura e imperialismo.

imaginativo, isto é, cultural, da dominação, o qual, em conjunto com os aspectos político-econômicos, contribuiu para sustentar o imperialismo, o colonialismo e, contemporaneamente, as versões camufladas de neocolonialismo<sup>10</sup>. Este aspecto cultural é geralmente esquecido por teóricos das Relações Internacionais e da Economia Política Internacional e, nesse sentido, a contribuição de Said é imprescindível para nossa disciplina.

Ademais, embora Said faça referência a um Orientalismo “pré-moderno” – clássico ou renascentista –, é preciso esclarecer que este não é o objeto primordial de sua análise e que se trata de algo bastante distinto da tradição que se consolidou a partir do século XIX, mais especificamente com a invasão do Egito por Napoleão, em 1798<sup>11</sup>: o Orientalismo moderno. Esta delimitação temporal e material do Orientalismo fica evidente em inúmeras passagens. Em determinado momento, por exemplo, Said afirma que

Tomando o *final do século XVIII* como ponto de partida aproximado, o Orientalismo pode ser discutido e analisado como a instituição autorizada a lidar com o Oriente – fazendo e corroborando afirmações a seu respeito, descrevendo-o, ensinando-o, colonizando-o, governando-o: em suma, o Orientalismo como um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente. (SAID, 2007a [1978], p. 29 – ênfase nossa)

Mais à frente, o autor destaca a relevância de compreender “a disciplina extremamente sistemática por meio da qual a cultura europeia foi capaz de manejar – e até produzir – o Oriente política, sociológica, militar, ideológica, científica e imaginativamente *durante o período do pós-Iluminismo*” (SAID, 2007a [1978], p. 29 – ênfase nossa). Em outra passagem, ele ressalta o envolvimento de França e Grã-Bretanha no Oriente como determinante para compreender o Orientalismo:

Histórica e culturalmente, há uma diferença quantitativa bem como qualitativa entre o *envolvimento franco-britânico no Oriente* e – até o período do domínio americano depois da Segunda Guerra Mundial – o *envolvimento de qualquer outra potência europeia e atlântica*. Falar do Orientalismo,

<sup>10</sup> Os programas de ajuste estrutural levados a cabo por agências multilaterais, nas intervenções estrangeiras, nas operações de inteligência que violam a soberania de nações consideradas inferiores etc.

<sup>11</sup> “Para meus fins neste estudo, o princípio básico da relação foi estabelecido para o Oriente Próximo e para a Europa pela invasão napoleônica do Egito em 1798, uma invasão que foi de muitas maneiras o modelo de uma apropriação verdadeiramente científica de uma cultura por outra na aparência mais forte. Com a ocupação do Egito por Napoleão, foram postos em movimento processos entre o Oriente e o Ocidente que ainda dominam nossas perspectivas culturais e políticas contemporâneas” (SAID, 2007a [1978], p. 76).

portanto, é falar principalmente, embora não exclusivamente, de um *empreendimento cultural britânico e francês*, um projeto cujas dimensões incluem áreas tão díspares como a própria imaginação, toda a Índia e o Levante, os textos bíblicos e as terras bíblicas, o comércio de especiarias, os *exércitos coloniais* e uma *longa tradição de administradores*, um *formidável corpo de eruditos*, inúmeros ‘especialistas’ e ‘auxiliares’ orientais, um professorado oriental, um arranjo complexo de ideias ‘orientais’ (o despotismo oriental, o esplendor oriental, a crueldade, a sensualidade), muitas seitas, filosofias e sabedorias orientais domesticadas para o uso europeu local – a lista pode se estender mais ou menos indefinidamente. (SAID, 2007a [1978], p. 30 – ênfases nossas)

Em outro trecho, ressalta que “o Orientalismo deriva de uma intimidade particular experimentada entre a Grã-Bretanha, a França e o Oriente [...]”,

*Do começo do século XIX até o fim da Segunda Guerra Mundial, a França e a Grã-Bretanha dominaram o Oriente e o Orientalismo; desde a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos dominam o Oriente, abordando-o como a França e a Grã-Bretanha outrora o fizeram. Dessa intimidade, cuja dinâmica é muito produtiva, mesmo que sempre demonstre a força relativamente maior do Ocidente (britânico, francês ou americano), provém o grande corpo de textos que chamo de orientalistas”* (SAID, 2007a [1978], p. 30-1 – ênfase nossa).

Seria possível ocupar este texto inteiro com referências ao livro nas quais Said delimita com precisão o momento histórico objeto de sua reflexão, mas creio que o ponto está feito. Ainda assim, não é de todo desnecessário enfatizar este aspecto, pois inúmeros críticos de Said identificam, em *Orientalismo*, uma narrativa única que une o teatro ateniense ao presente, sem distinções ou modulações<sup>12</sup>, o que, creio, trata-se de equívoco interpretativo grave.

Além de expor – e criticar – o conteúdo geral das ideias que orientam a produção erudita do Orientalismo, ideias “impregnadas de doutrinas da superioridade europeia, vários tipos de racismo, imperialismo e coisas semelhantes, visões dogmáticas do ‘oriental’ como uma espécie de abstração ideal e imutável” (SAID, 2007a [1978], p. 35-6), Said também documenta e analisa as imbricações entre os eruditos orientalistas e os

---

<sup>12</sup> Conferir, por exemplo, Ahmad (2000, p. 13). Apesar dessa deficiência, vale a pena destacar que a crítica de Ahmad a Said contém elementos instigantes e deve ser estudada com rigor.

empreendimentos imperiais de suas respectivas nações – França, Grã-Bretanha e EUA – em textos e autores individuais<sup>13</sup>. Os exemplos pululam.

Do lado francês, o recrutamento napoleônico de dezenas de eruditos para compor sua Expedição ao Egito resultou na fundação do *Institut d'Égypte* e na consolidação de nomes como o de Antoine-Isaac Silvestre de Sacy (1758-1838), professor de árabe que traduziu diversos documentos oficiais, como os boletins da *Grande Armée* e o *Manifesto* de Napoleão de 1806, e contribuiu sobremaneira com a redação do *Tableau historique de l'érudition Française*, além de ter ensinado muitos dos tradutores orientalistas de Napoleão. Sacy foi o primeiro presidente da *Société Asiatique* e é considerado por Said o “pai do Orientalismo” (SAID, 2007a [1978], p. 183), uma vez que foi responsável por adquirir “os meios de apresentar um campo de estudo a seus estudantes, quando não havia campo nenhum. Ele fez os livros, os preceitos, os exemplos, [...]. O resultado foi a produção de material sobre o Oriente, de métodos para estudá-lo, e de exemplos que até os orientais não tinham” (SAID, 2007a [1978], p. 183). A obra de Sacy foi o início do cânone orientalista, que passou a ser transmitido, sucessivamente, de geração para geração de estudiosos orientalistas (SAID, 2007a [1978], p. 186).

Alguns anos depois, Ernest Renan (1823-1892) deu continuidade ao trabalho de Sacy, sendo responsável por “consolidar o discurso oficial do Orientalismo, sistematizar as suas compreensões, e estabelecer as suas instituições intelectuais e mundanas” (SAID, 2007a [1978], p. 187). Com Renan, o Orientalismo adquiriu, definitivamente, seu verniz erudito – por meio da filologia – e adaptou-se à cultura intelectual de seu tempo. Segundo Said, “Sacy e Renan foram exemplos de como o Orientalismo moldava, respectivamente, um corpo de textos e um processo de raízes filológicas, pelos quais o Oriente assumia uma identidade discursiva que o tornava desigual ao Ocidente” (SAID, 2007a [1978], p. 219). Além dos dois, inúmeros estudiosos são analisados na obra, nomes como Edward William Lane (1801-1876), Richard Francis Burton (1821-1890) e Benjamin Disraeli (1804-1881) destacam-se no século XIX. No século XX, Thomas Edward Lawrence (1888-1935), Harry St John Bridger Philby (1885-1960),

---

<sup>13</sup> Conferir a introdução de *Orientalismo* para compreender a metodologia adotada por Said ao estudar o Orientalismo. Em resumo, “estudo o Orientalismo como um intercâmbio dinâmico entre autores individuais e os grandes interesses políticos modelados pelos três grandes impérios – o britânico, o francês, o americano – em cujo território intelectual e imaginativo a escrita foi produzida” (SAID, 2007a [1978], p. 44).



Louis Massignon (1883-1962), H. R. A. Gibb (1895-1971) e muitos outros são examinados pormenorizadamente por Said, que mostra como o conhecimento produzido por tais autores não é neutro, a despeito de seu método supostamente científico e de suas reivindicações de distanciamento e imparcialidade.

Em geral, o conhecimento detalhado, disciplinado, quantificado e esquematizado da raça subjugada serve para facilitar e tornar mais lucrativa a administração imperial. Como coloca Said: “o conhecimento fornece poder, mais poder requer mais conhecimento, e assim por diante numa dialética crescentemente lucrativa de informação e controle” (SAID, 2007a [1978], p. 68). O Império, afirma Said, deve ser sábio. É por meio desse conhecimento profundo do grupo dominado que ele poderá pacificar e controlar o território da forma mais barata possível. Desse modo, a Grã-Bretanha, por exemplo, mantém o controle sobre um território e uma população tão grandes quanto os da Índia com um contingente relativamente pequeno de funcionários coloniais. Portanto, como norteador da erudição orientalista está o problema de como governar a raça subjugada e de como justificar, interna e externamente, este governo, justificativa que se dá pela argumentação de uma suposta ausência congênita da capacidade de autogoverno nos povos orientais, a qual demandaria o governo estrangeiro. “Dizer simplesmente que o Orientalismo foi uma racionalização do regime colonial é ignorar até que ponto o regime colonial foi justificado de antemão pelo Orientalismo” (SAID, 2007a [1978], p. 72).

Assim, o componente “acadêmico” cumpre um papel determinante na conformação da instituição orientalista, pois fornece a erudição e a “disciplina extremamente sistemática”, necessários para constituir o padrão de relacionamento imperial entre o Ocidente metropolitano e o Oriente colonial. O Orientalismo se conforma assim como uma “força cultural” ou como um “poder intelectual” (SAID, 2007a [1978], p. 74-75), que sustenta e legitima o imperialismo. O nexo entre conhecimento e poder consolidado no Orientalismo criou, de certa forma, o “oriental” tal como o conhecemos – “orientalizou o Oriente” – e, ao mesmo tempo, possibilitou sua dominação, exploração e, eventualmente, eliminação, na medida em que o desumanizou, atribuindo-lhe características essencialmente inferiores.

Mas o que dava ao mundo dos orientais a sua inteligibilidade e identidade não era o resultado de seus próprios esforços, mas antes toda a complexa série de manipulações sagazes pelas quais o Oriente era identificado pelo

Ocidente. Assim, unem-se as duas características da relação cultural que tenho discutido. O conhecimento do Oriente, porque gerado pela força, cria num certo sentido o Oriente, o oriental e o seu mundo. (SAID, 2007a [1978], p. 73)

## Importância da cultura

Há, em *Orientalismo*, outra análise que vale a pena ser mencionada. Trata-se da descrição das ligações entre o saber erudito e a elaboração de obras imaginativas. A estrutura de dominação cultural envolve estes dois âmbitos. Ela se conformou em torno da tradição erudita e de suas repercussões no campo imaginativo, sobretudo o literário, mas também nas artes plásticas, na música e, mais recentemente, nas produções cinematográficas e televisivas. Ao expor o encadeamento entre os dois sentidos – o acadêmico e o imaginativo – e o vínculo entre dominação e saber, Said propõe a definição mais acabada de *Orientalismo*:

a instituição autorizada a lidar com o Oriente – fazendo e corroborando afirmações a seu respeito, descrevendo-o, ensinando-o, colonizando-o, governando-o: em suma, o *Orientalismo* como um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente. (SAID, 2007a [1978], p. 29)

Segundo Said, o *Orientalismo* foi construído na inter-relação entre a cultura, a política e a economia. No campo cultural, o trânsito entre obras eruditas e imaginativas foi intenso:

O investimento continuado criou o *Orientalismo* como um sistema de conhecimento sobre o Oriente, uma rede aceita para filtrar o Oriente na consciência ocidental, assim como o mesmo investimento multiplicou – na verdade, tornou verdadeiramente produtivas – as afirmações que transitam do *Orientalismo* para a cultura geral. (SAID, 2007a [1978], p. 33-34)

O fluxo intenso entre o significado acadêmico e o sentido mais ou menos imaginativo de *Orientalismo* pode ser observado, pelo menos, desde o final do século XVIII, a partir de quando “há um movimento considerável, totalmente disciplinado – talvez até regulado – entre os dois” (SAID, 2007a [1978], p. 29). Na trilha aberta pela Expedição napoleônica ao Egito, o Oriente tornou-se, durante o século XIX, um espaço privilegiado para escritores e viajantes elaborarem obras literárias e relatos de viagem de grande envergadura. Nomes como Nerval, Flaubert, Chateaubriand, Lamartine, Disraeli, Burton, Mark Twain e Kinglake produziram obras memoráveis, que ajudaram

a consolidar no imaginário popular as imagens criadas pelos eruditos, baseadas nas distinções essenciais de que falamos acima. Talvez o exemplo mais acabado do que estamos tratando seja Rudyard Kipling e sua figura do “Homem Branco”, que aparece em poemas e romances do autor e que serviu “como uma ideia, uma persona, um estilo de ser [...] a muitos britânicos enquanto estavam no exterior” (SAID, 2007a [1978], p. 305).

Subjacentes às obras de tais autores, está a oposição rígida entre o “Eu” e o “Outro”, entre o “ocidental” e o “oriental”, entre o “Leste” e o “Oeste”, bem como toda a carga valorativa atribuída a cada um desses polos. Segundo Said,

Toda afirmação feita por orientalistas ou Homens Brancos (que eram em geral intercambiáveis) transmitia uma percepção da distância irreduzível que separa os brancos dos de cor, ou os ocidentais dos orientais; além disso, por trás de cada afirmação ressoava a tradição de experiência, erudição e educação, que mantinha o oriental de cor na sua posição de *objeto estudado pelo branco-ocidental*, em vez de vice-versa. (SAID, 2007a [1978], p. 308).

Se entendemos a política como uma dimensão fundamental de encaminhamento das expectativas humanas, responsável por abrir ou fechar o horizonte de expectativas, atentamos para a importância das ideias e para o lugar da cultura – pensada em sentido amplo, imaginativo e filosófico – na política. Se o Orientalismo, tal como demonstra Said, contribuiu para o fechamento deste horizonte, para a determinação de um sistema internacional hierarquicamente estruturado dominado por algumas poucas potências – e, internamente, por alguns grupos e classes sociais diminutas –, também conhecido como imperialismo, existe, por outro lado, a possibilidade de fazer um conhecimento que aponte para outro caminho. Este é, justamente, o papel que Said defende para o intelectual, o qual abordaremos mais detidamente a seguir.

*Orientalismo* também explicita como a cultura é uma instância das condições materiais da vida e não deve ser arbitrariamente separada desta. Como afirma Marx, “a arma da crítica não pode, é claro, substituir a crítica da arma; o poder material tem de ser derrubado pelo poder material, mas a teoria também se torna força material quando se apodera das massas” (MARX, 2010 [1843-1844] p. 151). Remetendo à tradição marxista, Said lança mão de autores como Gramsci e Williams para estabelecer o vínculo entre cultura, economia, política e sociedade. Desta reflexão, desponta a noção de força cultural: no caso do Orientalismo, trata-se de um conjunto de ideias que

desempenha um papel conservador, isto é, que contribui para a manutenção de um sistema de exploração e dominação, baseado em distinções raciais e geográficas essenciais e no diferencial de poder político-econômico entre os diferentes povos e nações.

Embora em geral presume-se que a literatura e a cultura sejam politicamente neutras, o estudo de Said mostra, de modos bastante convincentes, que a sociedade e a cultura literária de determinado período histórico só podem ser corretamente apreendidas quando analisadas em conjunto (SAID, 2007a [1978], p. 59). Rompe-se, com isso, a divisão entre, por um lado, a cultura em geral e os âmbitos literário e estético em particular e, de outro, a economia, a política e as relações internacionais. Além disso, Said demonstra que existe uma dinâmica produtiva operando entre a erudição e a escrita imaginativa, entre obras literárias e científicas, tal como descrevemos no início da seção. A cultura, para o pensador palestino, deve ser entendida como a junção dos dois âmbitos:

[...] em outra ocasião, cheguei a dizer que o *establishment* literário-cultural em geral tem deixado de lado o estudo sério do imperialismo e da cultura. Pois o Orientalismo nos coloca diretamente diante dessa questão – isto é, leva-nos a perceber que o imperialismo político rege todo um *campo de estudo, imaginação e instituições eruditas* –, de tal maneira que torna o ato de evitá-la uma impossibilidade intelectual e histórica” (SAID, 2007a [1978], p. 42 – ênfase nossa).

Assim, ao evidenciar o papel cultural desempenhado pelo Orientalismo na consecução de projetos de dominação imperial levados a cabo por Grã-Bretanha, França e EUA no decorrer dos últimos dois séculos, Said abriu amplas avenidas para o pensamento político e em Relações Internacionais. Em *Orientalismo*, Said procurou explicitar o papel ideológico desempenhado pela tradição orientalista na consolidação da hegemonia euroamericana e seu impacto para a política internacional moderna, a qual segue tendo como um de seus eixos estruturantes o âmbito cultural, ou das ideias. Os intelectuais do século XXI, devemos apropriar-nos das pistas deixadas por Said e analisar as relações internacionais contemporâneas em sua totalidade, ou seja, em suas dimensões políticas, econômicas e culturais.

## O papel do intelectual e a reivindicação de neutralidade

Não é de se desprezar a contribuição que essa demonstração histórica da necessária parcialidade do conhecimento erudito pode dar para a Ciência Política/Relações Internacionais, sobretudo quando recordamos um traço fundamental da disciplina: o esforço quase desesperado de apresentar o pesquisador como um erudito-observador imparcial e neutro, e de aproximar sua metodologia o máximo possível daquela utilizada pelas ciências exatas, visando, deste modo, a supostamente apreender os eventos de forma direta e identificar neles regularidades capazes de conformar leis gerais e ahistóricas, válidas para todos os momentos e lugares.

A questão da imparcialidade no conhecimento acadêmico é recorrente nas ciências sociais: “a imposição determinante sobre a maior parte do conhecimento produzido no Ocidente contemporâneo [...] é que seja apolítico, isto é, erudito, acadêmico, imparcial, acima de crenças sectárias ou doutrinárias estreitas” (SAID, 2007a [1978], p. 37-38). Ainda que em teoria tal ambição seja louvável, na prática científica ela torna-se problemática, pois serve para mascarar relações de poder e opressão, tais como as expostas em *Orientalismo*.

Mas *como* se conhecem as ‘coisas que existem’ e até que ponto as ‘coisas que existem’ são *constituídas* pelo conhecedor? Isso fica em aberto quando a nova apreensão sem valores do Oriente como algo que existe é institucionalizada nos programas de estudos de área. Sem um teorizar tendencioso, o islã *raramente* é estudado, *raramente* pesquisado, *raramente* conhecido: a ingenuidade dessa concepção não esconde o que ideologicamente significa, isto é, as teses absurdas de que o homem não desempenha nenhum papel em estabelecer tanto o material como os processos do conhecimento, de que a realidade oriental é estática e ‘existe’, [...]. (SAID, 2007a [1978], p. 401)

Ou ainda:

os filósofos conduzirão suas discussões sobre Locke, Hume e o empirismo sem jamais levar em conta que há uma conexão explícita nesses escritores clássicos entre as suas doutrinas ‘filosóficas’ e a teoria racial, as justificações da escravidão ou os argumentos para a exploração colonial. Essas são formas bastante comuns pelas quais a erudição contemporânea se mantém pura. (SAID, 2007a [1978], p. 42)

A despeito de inúmeros questionamentos sobre a pertinência de um “método científico” neutro para as ciências humanas, tal qual o praticado pelas ciências exatas, e sobre a possibilidade mesma de constituição de um sujeito do conhecimento externo aos acontecimentos – em sua forma mais vigorosa na *Dialética do Esclarecimento* (ADORNO; HORKHEIMER, 1985 [1948]) –, a busca por um método que pretenda afastar o erudito “das circunstâncias da vida, da realidade de seu envolvimento (consciente ou inconsciente) com uma classe, um conjunto de crenças, uma posição social, ou do mero fato de ser um membro da sociedade” (SAID, 2007a [1978], p. 37-38) permanece. Neste processo, porém, a utopia de se fazer um conhecimento politicamente neutro revela-se, na verdade, bastante distópica, como expôs *Orientalismo*.

Não se trata de negar, é importante ressaltar, a possibilidade de um conhecimento objetivo, mas de recusar a neutralidade do intelectual. Comentando a obra de Bernard Lewis – orientalista de extrema-direita estadunidense –, por exemplo, Said afirma que

Acharíamos esse tipo de procedimento menos objetável como propaganda política – o que certamente é – se não fosse acompanhado por *sermões sobre a objetividade, a justeza, a imparcialidade de um verdadeiro historiador*, ficando sempre implícito que *os muçulmanos e os árabes não podem ser objetivos*, mas que orientistas como Lewis que escrevem sobre os muçulmanos e os árabes o são, por definição, por treinamento, pelo simples fato de serem ocidentais. Esse é o clímax do Orientalismo como um dogma que não só degrada o seu tema, mas também cega seus praticantes. (SAID, 2007a [1978], p. 425 – ênfase nossa)

Note-se como o orientalista se arroga a posição da objetividade, como é importante para ele defender essa condição. Ou então, os comentários de Said acerca da obra de H. R. A. Gibb, famoso orientalista britânico:

Ao contrário de Massignon, que não procurava esconder suas especulações metafísicas, Gibb fazia esse tipo de observações como se fossem conhecimento objetivo [...]. Mas por quase todo e qualquer padrão as obras gerais de Gibb sobre o islã *são* metafísicas, não só porque ele usa abstrações como o ‘islã’ como se elas tivessem um significado claro e distinto, mas também porque simplesmente nunca fica claro onde, no tempo e no espaço concretos, o ‘islã’ de Gibb está acontecendo. (SAID, 2007a [1978], p. 374)

Embora Gibb reivindicasse a produção de um conhecimento objetivo, seus estudos eram permeados por categorias metafísicas, abstrações, conceitos, generalizações etc., todas atravessadas por seus preconceitos e pelos interesses imperiais que sustentavam sua condição de conforto material e de prestígio intelectual.

Vale a pena destacar que o estudo de Said não estabelece uma regra geral sempre válida acerca da relação entre o conhecimento e a política, mas aponta para a necessidade de que cada investigação científica formule a natureza específica dessa conexão em cada caso concreto, isto é, “no contexto específico do estudo, do tema e de suas circunstâncias históricas” (SAID, 2007a [1978], p. 44-45).

No caso do Orientalismo, não se trata de um ou outro erudito isolado que se encontra em comunhão com os interesses imperiais mais amplos. O que ocorre na verdade é um longo – e bastante lento – processo de acúmulo de conhecimento, por meio do qual vão constituindo-se os chamados consensos de pesquisa. Através destes, conformam-se tradições acadêmicas que irão consolidar-se por um processo circular de legitimação recíproca: “a legitimidade de um conhecimento como o Orientalismo durante o século XIX não provinha da autoridade religiosa, como acontecera antes do Iluminismo, mas do que podemos chamar a citação restauradora de uma autoridade anterior” (SAID, 2007a [1978], p. 246). A contribuição simultânea de muitos cientistas e eruditos, partícipes de um mesmo esforço coletivo de construção do cânone orientalista, erigiu o conjunto orientalista de saberes organizados:

Consequentemente, entre eles os orientalistas tratam das obras uns dos outros usando o mesmo modo de fazer citações. [...] Em suma, como uma espécie de conhecimento crescente, o Orientalismo recorria, para se nutrir, principalmente a citações de eruditos anteriores no campo de estudos. Mesmo quando novos materiais vinham ao seu encontro, o orientalista os julgava tomando como empréstimo de predecessores (o que os eruditos fazem com tanta frequência) as suas perspectivas, ideologias e teses orientadoras. [...] Desses reescritos complexos, as realidades do Oriente moderno eram sistematicamente excluídas, [...]. (SAID, 2007a [1978], p. 246)

Neste ponto, porém, Said distancia-se de Foucault: o Orientalismo não é apenas um corpo coletivo e anônimo de textos que se autorreferenciam e se autolegitimam constituindo uma formação discursiva própria, ele é também as obras e autores individuais, tomados em suas especificidades, idiosincrasias e peculiaridades (SAID, 2007a [1978], p. 54). Não à toa, Said dedicou páginas e mais páginas para a análise

detalhada de cada um desses escritores e de seus escritos. O orientalista era uma autoridade à qual outros orientalistas poderiam recorrer, a fim de sustentar suas próprias posições. Ao demonstrá-lo, Said revela, em *Orientalismo*, a importância da figura do intelectual na conformação de sistemas de dominação cultural e, conseqüentemente, chama a atenção para a responsabilidade de tal figura.

Embora seja objeto de reflexão mais aprofundada em sua obra teórica tardia, sobretudo em *Representações do Intelectual* (2005b [1994]), a questão da responsabilidade do intelectual já aparece, como vimos, em *Orientalismo*. O conhecimento que produzimos tem implicações políticas concretas no mundo, independentemente de nosso desejo ou de nossa percepção a respeito. Ao adquirir, porém, consciência desta imbricação, o intelectual crítico pode e deve, como Said defende e realiza em *Orientalismo*, colocar-se na luta contra as formas dominadoras, racistas, opressivas de conhecimento e em busca de alternativas, isto é, de possibilidades de “estudar outras culturas e povos a partir de uma perspectiva libertária ou não repressiva e não manipuladora” (SAID, 2007a [1978], p. 55). Em outras palavras, Said coloca como desafio principal do intelectual crítico contemporâneo contribuir para a emancipação dos povos oprimidos por meio de um pensamento que tenha em seu centro a liberdade.

Said reconhece-se enquanto um humanista, alguém cuja “atividade não parece ter nenhum efeito político direto sobre a realidade no sentido cotidiano” (SAID, 2007a [1978], p. 37). Ainda assim, afirma que todo conhecimento é *potencialmente* político e sustenta que a própria prerrogativa de rotular um conhecimento como político ou não é fruto de um privilégio e decorre, diretamente, de um poder político. Ademais, Said ressalta também a importância de se fazer um conhecimento *situado*, conhecimento que recusa generalizações e essencializações, conhecimento que busca o concreto, o histórico e o específico, ao mesmo tempo que é capaz de relacioná-lo a contextos mais amplos de dominação e de poder – afinal, o que é *Orientalismo*, se não uma sequência detalhada de análises de obras e autores, relacionadas com seu contexto histórico mais amplo? Como ele coloca em outra ocasião, destacando a importância do surgimento desse conhecimento de oposição:

Qualquer efeito que meu livro tenha alcançado não ocorreria se não houvesse também certa disposição de uma geração mais jovem de acadêmicos, tanto no Ocidente quanto no mundo ex-colonizado, de renovar a abordagem de suas



histórias coletivas. Apesar da aspereza (*acrimony*) e das recriminações que se seguiram, surgiram muitas obras importantes de revisão. (Na verdade, elas começaram a aparecer há um século, durante a resistência ao império em todo o mundo não ocidental). Muitas dessas obras mais recentes [...] são valiosas por ir além das polaridades reificadas do Oriente versus Ocidente, e por procurar entender de maneira inteligente e concreta os desenvolvimentos heterogêneos e amiúde singulares que costumavam escapar aos praticantes da chamada história mundial, bem como aos orientalistas coloniais, que tendiam a reunir uma imensa quantidade de material sob rubrica simples e abrangentes” (SAID, 1995 [1993], p. 76-77).

A história de vida do autor, caracterizada por seu compromisso com a luta política contra as opressões e as injustiças em geral e pela libertação da Palestina em particular, expressa-se na escolha consciente de *tomar lado* em sua produção acadêmica – o que não significa tomar lado por um suposto Oriente essencial “escondido” por detrás das mistificações orientalistas, perspectiva firmemente combatida por Said no decorrer da obra, mas sim colocar-se em defesa da possibilidade de construção de um conhecimento libertador e na defesa de todos aqueles que são inferiorizados e postos no lugar do “inimigo” por esse tipo de pensamento e, com isso, tornam-se matáveis e “morríveis” com uma facilidade assombrosa, como demonstra a história trágica de imensos contingentes populacionais, sobretudo em países do chamado Sul Global.

## Política e erudição

Como aferir o grau de politização de uma área ou de um campo de estudos? Said esboça uma resposta nos seguintes termos:

Em alguma medida, a importância política conferida a uma área provém da possibilidade de sua tradução direta para o campo econômico; mas, em maior medida, a importância política provém da proximidade de uma área com fontes determináveis de poder na sociedade política. (SAID, 2007a [1978], p. 38-39)

No caso da Ciência Política/Relações Internacionais a proximidade da área com fontes de poder é evidente. Destaca-se o esforço de reflexão levado a cabo pelo pensador palestino no sentido de expor os vínculos que a Ciência Política/Relações Internacionais tenta, a todo custo, esconder. Pois só por meio da análise detalhada da relação entre poder e saber será possível iniciar a discussão a respeito de formas

emancipatórias de produção de conhecimento, isto é, de construção de nexos entre conhecimento e libertação.

Em nosso campo de estudos – a Ciência Política e as Relações Internacionais – os estudiosos apresentam-se recorrentemente como neutros e realizadores de um conhecimento imparcial. A própria autodesignação da corrente de pensamento mais conhecida em Relações Internacionais – o realismo – escancara essa visão. Seu fim último seria apreender a realidade como ela é, sem desvios ou idealismos, a fim de conseguir estabelecer o melhor curso de ação visando a alcançar o objetivo dos Estados de acumular poder ou garantir sua sobrevivência em um contexto de anarquia. Embora muita tinta já tenha sido gasta questionando tais pressupostos, persiste, ainda, o esforço consciente de afastar considerações a respeito do poder e da política no fazer científico: “hoje em dia”, afirma Said, “o adjetivo ‘político’ é usado como um rótulo para desacreditar qualquer obra que ousa violar o protocolo da pretensa objetividade suprapolítica” (SAID, 2007a [1978], p. 38).

Contra o positivismo tacanho predominante nas ciências sociais *mainstream*, especialmente na Ciência Política/Relações Internacionais, Said argumenta que a forma pela qual o erudito “emoldura” ou “enquadra” os acontecimentos está, ela própria, atravessada por relações de poder e marcada pela disputa entre interesses distintos, por vezes contrários. A própria seleção dos fatos que serão considerados conhecimento já está, ela própria, inserida no emaranhado de relações de poder características das sociedades contemporâneas. No caso em questão, Said evidenciou a relação de dominação imperial do Ocidente sobre o Oriente e seu encadeamento com a tradição de estudos eruditos denominada Orientalismo.

O que importa destacar é que não se trata de um conjunto de europeus procurando formas explícitas para dominar territórios ultramarinos e submeter povos inteiros – embora alguns com certeza alimentassem tais desejos –, mas de eruditos que acreditavam produzir “Ciência”: um conhecimento neutro, desvinculado das pressões mais imediatas do mundo material, apolítico etc.

Um campo de estudos como o Orientalismo tem uma identidade cumulativa e corporativa, uma identidade que é particularmente forte dadas as suas associações com a erudição tradicional (os clássicos, a Bíblia, a filologia), as instituições públicas (governos, companhias comerciais, sociedades geográficas, universidades) e os escritos genericamente determinados (livros

de viagem, livros de exploração, fantasia, descrição exótica). O resultado para o Orientalismo tem sido uma espécie de consenso: certas coisas, certos tipos de afirmação, certos tipos de obra parecem corretos ao orientalista. Ele constrói a sua obra e pesquisa com base nessas coisas, e elas, por sua vez, exercem forte pressão sobre os novos escritores e eruditos. Assim, o Orientalismo pode ser considerado um modo de escrita, visão e estudo regularizados (ou orientalizados), dominados por imperativos, perspectivas e vieses ideológicos ostensivamente adequados para o Oriente. O oriente é ensinado, pesquisado, administrado e comentado segundo maneiras determinadas. (SAID, 2007a [1978], p. 275)

Este conhecimento baseado em distinções rígidas entre o “Eu” e o “Outro”, entre o “ocidental” e o “oriental”, acaba normalizando e naturalizando – inclusive com o status de verdade científica – relações de poder e dominação.

## Conclusão

*Orientalismo* tem mérito duplo, pois não só localiza o vínculo entre o conhecimento e poder no campo específico da tradição de conhecimento de mesmo nome, a qual se relaciona diretamente com a Ciência Política/Relações Internacionais, como também localiza-se, enquanto obra de conhecimento, como parte integrante nas redes de disputa que se conformam em torno do saber acadêmico supostamente neutro, demonstrando as implicações *políticas* de se defender a contradição em termos que é a pretensa produção de um conhecimento *apolítico* em nosso campo de estudos.

Na obra, Said demonstra os vínculos ineludíveis entre o conhecimento e o poder, em especial na disciplina de estudos internacionais – no caso, do Orientalismo. O que ele conseguiu mostrar foi a dependência de um conhecimento aparentemente neutro, apolítico e distanciado das relações de poder para com relações imperiais de domínio e controle. Nesse sentido, há uma contribuição bastante importante para a *política* em *Orientalismo*: ao demonstrar o que há de político no erudito e no cultural, “[...] o Orientalismo põe em discussão não só a possibilidade de uma erudição não política, mas também a conveniência de uma relação demasiado estreita entre o estudioso e o Estado” (SAID, 2007a [1978], p. 434).

[...] o Orientalismo é mais particularmente valioso como um sinal do poder europeu-atlântico sobre o Oriente do que como um discurso verídico sobre o Oriente (o que, na sua forma acadêmica ou erudita, é o que ele afirma ser). Ainda assim, o que devemos respeitar e tentar compreender é a pura força

consolidada do discurso orientalista, seus laços muito próximos com as instituições do poder político e socioeconômico, e sua persistência formidável. (SAID, 2007a [1978], p. 33)

Desse modo, argumentou-se que *Orientalismo* é um estudo acerca da relação entre o poder, a erudição e a imaginação, orientado pelo caso concreto da tradição de duzentos anos de tratamento ocidental do Oriente, sobretudo dos árabes e do islã, conhecida como Orientalismo (SAID, 2007a [1994], p. 438). Além disso, sustentou-se que o sentido geral da obra é compreender o nexos entre conhecimento e poder, isto é, entre o Orientalismo e o imperialismo/colonialismo e que este nexos fornece a chave para compreender a obra do autor e a tradição por ele estudada.

## Bibliografia

ARANTES, Paulo. *Formação e Desconstrução*. Uma visita ao Museu da Ideologia Francesa. São Paulo: Editora 34, 2021

\_\_\_\_\_. “Tentativa de identificação da Ideologia Francesa: uma introdução”. Em: \_\_\_\_\_. *Formação e Desconstrução*. Uma visita ao Museu da Ideologia Francesa. São Paulo: Editora 34, 2021 [1990]

CASTORIADIS, Cornelius. *As encruzilhadas do labirinto*. Tradução de Carmen Silva Guedes e Rosa Maria Boaventura. São Paulo: Paz e Terra, 1987

MUSALLAM, Basim. “Power and knowledge”. Em: *MERIP Reports*, nº 79, pp. 19-26, 1979

SAID, Edward. *Joseph Conrad and the Fiction of Autobiography*. Cambridge: Harvard University Press, 1966a

\_\_\_\_\_. “A Sociology of Mind”. Review of Lucien Goldmann's *The Hidden God: A Study of Tragic Vision in the Pensées of Pascal and the Tragedies of Racine*. *Partisan Review* 33.3, pp. 444-448, 1966b

\_\_\_\_\_. “Labyrinth of Incarnations: The Essays of Maurice Merleau-Ponty.” *The Kenyon Review*, vol. 29, no. 1, pp. 54–68, 1967

\_\_\_\_\_. “The Totalitarianism of Mind.” *The Kenyon Review*, vol. 29, no. 2, pp. 256–268, 1967b

\_\_\_\_\_. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007 [1978]

\_\_\_\_\_. “Posfácio”. Em: *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007 [1994]

\_\_\_\_\_. “Prefácio”. Em: *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007 [2003]

\_\_\_\_\_. *Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005 [1994]

\_\_\_\_\_. *Fora do Lugar*. Trad. José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2004 [1999]